

A descoberta do rei Fany

É NESTA “caça” que os olheiros das editoras acabaram por descobrir alguns dos que viriam a ser as estrelas resplandcentes de fulgurância eterna no nosso panorama musical.

Foi nessas “rusgas” que se descobriu Fany Mpfumo, isto depois de ter abandonado as lides do boxe, onde levara uma valente “tareia” que quase lhe cegava o olho esquerdo.

Afinal o mal vinha para o bem, isto porque em 1947, os olheiros da editora *His Master Voice* encontram-no a cantar, muito bem, numa roda de copos, onde os músicos presentes, incluindo Fany, exibiam os seus dotes musicais a troco de insignificante pecúnia. Era o modo de ser e estar dos músicos da época.

Naquele mesmo ano grava para o disco de estreia as célebres músicas “Georgina” e “Vasati Va lomu”. A Georgina, que meio mundo julga tratar-se da menina dos seus sonhos, é a sua progenitora. Escusado seria dizer que aquele fonograma bateu índices astronómicos de cópias vendidas, aliás, foi o que aconteceu com todos que se seguiram.

E a “His” descobre que afinal Fany não era só bom a cantar, mas também o era a tocar! É assim que ganha dois tipos de contrato: o primeiro para gravar um disco de três em três meses, e o segundo para tocar para alguns músicos que afluíam à “His”.

É ao abrigo deste contrato que Fany grava, como guitarra solo, com Alexandre Jafety (tido como o “rei” do bandolim), Miriam Makheba, Doroty Masuka, Doroty Ratheba, entre outros. Uma das músicas emblemáticas de Miriam Makheba, “Click Song”, foi-lhe oferecida por Fany.

Logo a partir do ano da sua estreia no mundo da discografia, 1947, Fany passa a gravar um fonograma de três em três meses. Muitas das músicas contidas nestes discos hoje são desconhecidas do grande público.

Tal como os seus compatriotas, nos finais dos anos 60, Fany Mpfumo foi “roubado” por outra editora, mas a “His”, que firmara com ele um contrato de exclusividade, nem chegou a descobrir, dada a manha que Fany usou: Não meteu a voz e intitulou as obras (instrumentais) em zulu: “Djikeleza” e “Bazama Fumo”.

Quando Alexandre Jafety gravou para a editora que lhe “roubara” usou a manha de mudar de nome, passando a chamar-se Moniz! Tem graça que alguns estudiosos quando enunciam os nomes dalguns músicos que gravaram na África do Sul, incluem Jafety e Moniz.